

Aos Pés da Montanha: a interseccionalidade gênero e casta como ciclo de violência contra as Mulheres Nepalesas

At the Foot of the Mountain: the intersectionality of gender and caste as a cycle of violence against Nepali Women

Al pie de la montaña: la interseccionalidad de género y casta como un ciclo de violencia contra las mujeres nepalesas

Sílvia Ester Orrú¹ 

¹ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Autor correspondente:

Sílvia Ester Orrú

Email: seorru7@gmail.com

Como citar: Orrú, S. E. (2024). Aos Pés da Montanha: a interseccionalidade gênero e casta como ciclo de violência contra as Mulheres Nepalesas. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 17(36), e20108
<http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v17i36.20108>

RESUMO

O presente artigo aborda a interseccionalidade gênero e casta como ciclo de violência contra as meninas e mulheres do Nepal. Em razão do profundo enraizamento da cultura patriarcal na sociedade nepalesa, nascer com as características biológicas e anatômicas relacionadas ao feminino, é motivo de significativa exclusão e subalternização social. Para além, nascer na condição social de *dálit* e ainda ser mulher, é estar sujeita a mais cruel discriminação e segregação. Na configuração do texto, buscou-se introduzir informações geopolíticas sobre o país e o lugar no qual o feminino se encontra diante dos tentáculos do patriarcado no âmbito histórico, cultural, social, político e econômico. Ancorado nas contribuições da teoria feminista, é possível compreender as raízes do ciclo de violência abissal contra as nepalesas, mas, também, perceber sua resiliência e empoderamento por meio de suas vozes ecoadas como literatura poética. As conclusões apontam para a emergência de um movimento feminista global que acolha as vozes e as demandas das meninas e mulheres do Nepal.

Palavras-chave: Diferença. Direitos das Mulheres. Interseccionalidade. Mulheres Nepalesas. Violência de Gênero.

ABSTRACT

This article addresses the intersectionality of gender and caste as a cycle of violence against girls and women in Nepal. Due to the deep roots of patriarchal culture in Nepalese society, being born with biological and anatomical characteristics related to the feminine is a reason for significant exclusion and social subalternization. Furthermore, being born into the social condition of *dalit* and

still being a woman means being subject to the cruelest discrimination and segregation. In the configuration of the text, we sought to introduce geopolitical information about the country and the place in which the feminine finds itself facing the tentacles of patriarchy in the historical, cultural, social, political and economic sphere. Anchored in the contributions of feminist theory, it is possible to understand the roots of the cycle of abysmal violence against Nepalese women, but also to perceive their resilience and empowerment through their voices echoed as poetic literature. The conclusions point to the emergence of a global feminist movement that embraces the voices and demands of girls and women in Nepal.

Keywords: Difference. Women's Rights. Intersectionality. Nepali Women. Gender Violence.

RESUMEN

Este artículo aborda la interseccionalidad de género y casta como un ciclo de violencia contra niñas y mujeres en Nepal. Debido al profundo arraigo de la cultura patriarcal en la sociedad nepalesa, nacer con características biológicas y anatómicas relacionadas con lo femenino es motivo de importante exclusión y subalternización social. Además, nacer en la condición social de *dalit* y seguir siendo mujer significa estar sujeta a la discriminación y segregación más cruel. En la configuración del texto buscamos introducir información geopolítica sobre el país y el lugar en el que se encuentra lo femenino frente a los tentáculos del patriarcado en el ámbito histórico, cultural, social, político y económico. Anclado en las contribuciones de la teoría feminista, es posible comprender las raíces del ciclo de violencia abismal contra las mujeres nepalesas, pero también percibir su resiliencia y empoderamiento a través de sus voces que tienen eco en la literatura poética. Las conclusiones apuntan al surgimiento de un movimiento feminista global que abraza las voces y demandas de las niñas y mujeres en Nepal.

Palabras clave: Diferencia. Derechos de las mujeres. Interseccionalidad. Mujeres nepalíes. Violencia de género.

INTRODUÇÃO

Os estudos, pesquisas e debates sobre violência de gênero contra mulheres têm se tornado cada vez mais presentes no âmbito acadêmico e nas pautas dos diversos movimentos sociais alicerçados nos ideais feministas. Entretanto, há mulheres pertencentes a determinados povos ou grupos étnicos que se encontram cabalmente invisibilizadas e esquecidas. As meninas e mulheres nepalesas, em específico as mulheres *dálits*, constituem parte dessa minoria deslembrada, cuja luta e resiliência devem nos importar. O desafio das sociedades mais complexas é a humanização e o acolhimento das diferenças que se multiplicam e se diferenciam em sua própria diferença, problemática-cerne do feminismo contemporâneo.

Disseminado por territórios diversos e disperso para além de fronteiras geográficas e políticas, o feminismo assume, na contemporaneidade, feição marcadamente plural, transnacional, profundamente implicada nos movimentos e fluxos de pessoas e nas redes de saberes e práticas construídas como formas de resistência e sobrevivência aos assaltos dos poderosos do mundo. Tal percepção dos rumos atuais do feminismo implica perceber o quanto o movimento tem se reinventado e se fortalecido através de percursos que cruzam os espaços globais em sentidos que superam a tradição Norte-Sul, redesenhando-se em rotas Sul-Sul, Sul-Norte, e também em novas e imprevistas configurações e sentidos (Schmidt e Macedo, 2019, p. 1).

Ancorado nas contribuições da Teoria Crítica Feminista, o texto¹ oportuniza a compreensão das raízes do ciclo de violência abissal contra as nepalesas a partir da contextualização e problematização dos acontecimentos históricos e culturais que sequestram suas liberdades e aniquilam sua autonomia e protagonismo social, colocando-as no lugar de subalternizadas e invisibilizadas perante a sociedade. Contudo, o artigo também procura ressaltar a potência das vozes das mulheres nepalesas e de seu protagonismo feminino por meio de seu pensamento tecido na forma de literatura poética. Neste caminho, foram trazidos para o texto alguns poemas dessas mulheres como forma acolher seus discursos e presença, considerando que até a década de 90 o cânone literário nepalês era dominado por autores do sexo masculino (Hutt, 1991).

AOS PÉS DA MONTANHA

Subalternização e exclusão das mulheres nepalesas

O Nepal é um país que se localiza no continente asiático, entre a Índia e o Tibete, contornado por cordilheiras que abrigam oito das montanhas mais altas da Terra. Seu nome está amalgamado com sua razão de ser e significa “aos pés da montanha”. No contexto geopolítico, com cerca de mais de 29 milhões de pessoas, ocupa o 2º lugar de país mais pobre da Ásia e 41º no ranking planetário com PIB *per capita* de US\$ 718,00; mais de 15% da população se encontra abaixo da linha da pobreza (Gfm, 2021; Adb, 2022; Iwgia, 2023). A ausência de uma política estável e justa para com a população, a falta de investimento para que o país produza e exporte seus produtos, a dependência da atividade agrícola, e a devastação em decorrência do terremoto de abril de 2015, colocam os nepaleses em uma triste condição de miséria.

As meninas e as mulheres constituem 51,04% da população e sofrem para além da extrema pobreza, a brutalidade de uma sociedade impregnada de um machismo que se alimenta da ignorância e do fanatismo religioso. Como consequência, as famílias com alguma condição financeira preferem investir seu dinheiro na educação dos meninos, restando às meninas um destino raso e sem muitas alternativas, fadadas ao casamento e às tarefas domésticas (Iwgia, 2023). Segundo os dados publicados pelo Countrymeters (2023), 64,9% da população com 15 anos ou mais está alfabetizada, destes, 75,58% são homens adultos e 55,11% são mulheres adultas (diferença de 20,47% a menos para as mulheres). Entre jovens na faixa de 15 a 24 anos, as taxas de alfabetização são de 92,59% para o sexo masculino e 87,39% para o feminino (diferença de 5,2% a menos para as jovens mulheres).

A extensa maioria das mulheres vive na informalidade e ganha cerca de 30% a menos do que os homens, pouco mais de 19% têm suas próprias casas (Unesco, 2021; Ohchr, 2021). Mais de 70% das meninas deixam a escola por volta dos 16 anos, sendo que 2 em cada 5 adolescentes são forçadas a se casarem por volta dos 14 anos, 37% se casam até os 18 anos. Antes dos 20 anos de idade, muitas adolescentes já são mães de 3 filhos, mesmo sem terem condições físicas e emocionais para tamanha responsabilidade. Muitas perdem a vida por complicações que se tornam fatais no parto ou em sua saúde reprodutiva. Grande parte está envolvida em trabalho físico pesado, com pouco ou nenhum descanso na gravidez ou durante o pós-parto, de maneira que essa violência sobre-humana atravessa seus corpos e o prolapso uterino chega a afetar muitas das jovens mulheres com menos de 30 anos de idade, sendo que nos países desenvolvidos, a ocorrência costuma se dar após a menopausa (Orrú, 2023). No país, 1 em cada 10 mulheres (cerca de 1 milhão) sofre com as consequências do prolapso uterino, cerca de 20% recebe tratamento gratuito do governo, no entanto, por não poderem descansar e mudar seu estilo de vida, inúmeras permanecem em grande sofrimento (Singh, R. et al., 2021).

¹ Este artigo é parte dos resultados do projeto de pesquisa de pós-doutorado “Mulheres nepalesas: por uma literatura de resistência e resiliência”, realizado no Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina sob a supervisão da Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt.

Como consequência da ignorância, da pobreza e da falta de acesso à educação, muitas meninas nepalesas são reféns do casamento precoce. Em razão da marginalização e extrema desigualdade social, cerca de 30% das meninas estão vulneráveis à exploração do trabalho infantil e vivem o risco diário de serem absorvidas pelo tráfico de pessoas para trabalho escravo e mercado do sexo (Lsf, 2020).

No “topo do mundo”, cerca de 12 mil crianças são vítimas do tráfico de pessoas para exploração sexual, trabalho forçado e tráfico de órgãos; muitas são estupradas diariamente. Um sem-número de meninas são barbarizadas na promessa de uma vida melhor, enganadas e aprisionadas em bordéis clandestinos disfarçados de restaurantes e casas de massagem. O tráfico move cerca de US\$ 150 bilhões por ano em todo o planeta. As meninas e mulheres representam 71% desse tipo de escravidão moderna, cerca de 54% das nepalesas são traficadas para a Índia diariamente (Moura, 2020).

Gênero e casta como ciclo interseccional de violência patriarcal

No contexto histórico, o Nepal não foi colonizado por nenhuma nação potencialmente colonizadora, mas sofreu diversas influências governamentais e culturais ao longo de dinastias e conflitos políticos que datam de o século III a.C. (Lawoti & Hangen, 2012). Neste cenário, ainda há povos do Nepal que perpetuam a cultura da discriminação social baseada em casta e etnia, apartando de modo abissal aquelas pessoas consideradas como intocáveis (*dálits*) de qualquer forma de vida humana digna.

Os Sudras², também conhecidos como *dálits*, são considerados indivíduos impuros, por isso, são “intocáveis”. Ao longo da história, qualquer pessoa que mantivesse o contato físico com um “intocável”, passasse por sua sombra ou algo que tenha sido possuído por ele, era considerado sujo, impuro e deveria ser submetido a um ritual de purificação. O Código Civil do Nepal de 1854 legalizou o sistema de castas e declarou a comunidade *dálit* como intocável. Em 1963 o sistema de castas foi abolido oficialmente no Nepal, em 2011 foi aprovada Lei Contra a Discriminação com base na Casta e de Intocabilidade, e em 2015 a nova Constituição passou a prever disposições contrárias à discriminação como direito fundamental do cidadão, no entanto, a cultura prevalece nas famílias, principalmente nas áreas rurais (United Nations, 2018). Na condição considerada culturalmente como hereditária e imutável do sistema de castas, cerca de 13,6% a 20% da população do Nepal são “intocáveis”, considerados como a escória vergonhosa da sociedade, a poeira sob os pés de Brahma, e não fazem parte de nenhuma casta, devendo viver à margem dos demais, cerca de 42% vive abaixo da linha da pobreza (Karki, 2023). São proibidos de entrar nos templos, de tocar em alguém ou de beber a água da mesma fonte tomada pelos indivíduos das outras castas. A eles são destinados os afazeres impuros como a limpeza de excrementos e o manejo com cadáveres (Orrú, 2023).

Na tríade patriarcado, colonialismo e capitalismo, a mulher tem sido assujeitada a um lugar de inferioridade em relação aos homens. Em um cenário abissal de sujeição, onde além de inferior ou “intocável”, a mulher nem gente é, uma vez que ela somente existe no plano objetual, que possibilidades concretas há para que ela possa falar? Consequentemente, no tocante à mulher “não há prejuízo em admitir que não é apenas a produção da diferença sexual o que está sendo enquadrado aqui, mas sim a possibilidade de pensar a própria diferença” (Spivak, 1997, p. 289).

Ser um *dálit* é carregar um destino repleto de preconceito, discriminação, indiferença e exclusão. Ser uma mulher *dálit* é estar sujeita a mais cruel subalternização, segregação e profundo silenciamento. Contudo, o *Chhaupadi* (estar impura, ser intocável) pode se apresentar como algo

² No sistema de crenças Hindu há uma ordenação de castas que funciona como um *modus operandi* que classifica indivíduos ou agrupamento de pessoas tendo como base sua condição socioeconômica. Cada categoria deriva de uma parte do corpo do deus Brahma (boca, braços, coxas e pés). Os Sudras (*dálits*) são considerados como casta inferior por advirem dos pés de Brahma, sendo obrigados a servir duramente os pertencentes às outras castas superiores (Andrade, 2020).

ainda mais hostil às meninas e às mulheres do Nepal, principalmente àquelas que vivem nas regiões rurais da parte ocidental, onde o rito se mostra mais rigoroso.

Na tradição patriarcal milenar, desde seu primeiro ciclo menstrual, as meninas são exiladas de suas famílias, mensalmente, por um período de 5 a 7 dias em uma pequena cabana abandonada e sem janelas. O rito se perpetua por superstições fundadas em crenças religiosas em que se acredita que a mulher se torna impura no período menstrual e, por isso, é proibida de realizar suas atividades diárias. Se houver a quebra do costume, os deuses hindus poderiam se irritar e amaldiçoar a família. Em exílio, meninas e mulheres experimentam o frio, o medo de serem violentadas, a fome, o desconforto, o abandono e a humilhação. Elas não têm permissão, sequer, para olhar em direção de suas próprias casas ou conversar com qualquer pessoa, principalmente, com os homens. Muitas vezes, em razão da pobreza extrema, várias mulheres não têm uma cabana própria para se exilar, de maneira que outra mulher, em solidariedade, acolhe outras mulheres em seus minúsculos espaços. Elas costumam ser proibidas de comerem frutas consideradas sagradas ou mesmo de tocarem em uma árvore, pois esta seria maldita e apodreceria. Não podem tomar leite, uma vez que a vaca simboliza uma deusa. Não devem tocar em uma fonte de água ou em outro ser humano, tampouco, podem cozinhar. Somente ao término do período menstrual, após se purificarem, é que estão autorizadas a voltar para suas casas (Orrú, 2023).

O tabu do *Chhaupadi* impacta severamente na educação das meninas nepalesas, pois elas são impedidas de frequentar a escola durante esse período, mês a mês. A pobreza e a vergonha restringem significativamente o acesso a absorventes higiênicos. Habitualmente, as mulheres também são constrangidas a lavar e secar o pano em local escondido, o que acaba ocorrendo em condições insalubres e que as expõem ao risco iminente de infecções vaginais, uterinas e graves problemas relacionados à saúde reprodutiva. Culturalmente há o entendimento de que é um desperdício de dinheiro comprar absorventes ou, mesmo, panos limpos que serão descartados. A violência sofrida pelas meninas e mulheres nepalesas é parte profunda de um processo tentacular do patriarcalismo como construção social envasada pelo credo patriarcal.

Denúncia e resiliência na poética das mulheres nepalesas

Deepa Nepale, uma jovem estudante nepalesa, cresceu sob a opressão religiosa, cultural e social do *Chhaupadi* como rito indiscutível a ser realizado por todas as meninas e mulheres cujas famílias se encontram no hinduísmo. Todavia, ela teve a oportunidade de participar de um projeto social promovido pela fundação *BlinkNow* para a educação e alfabetização de meninas que lhe oportunizou o acesso ao conhecimento sobre seu corpo, sobre o *Chhaupadi* como tabu, sobre o patriarcalismo em sua família e religião. No desafiador e austero processo de se tornar uma jovem mulher autônoma, ela elabora seu pensamento em poesia.

Eu sou uma garota.
Uma garota no Nepal nas belas montanhas.
O sol está no horizonte.
Estou envelhecendo e com o passar do tempo
começo a sentir que o mundo está contra mim.

Eu sou uma garota na beira de um rio quebrando pedras.
De manhã até o anoitecer, lavando pratos e roupas.
Trabalhando, servindo na casa de outra pessoa,
no campo, num hotel da cidade.
Dormindo entre os grandes prédios,
debaixo de um pedaço de plástico, ou numa casa de barro.
De alguma forma, sinto que estou falhando.

Eu sou uma garota.
Começo a sonhar.
Eu quero ser médica, engenheira, piloto, professora.
Disseram-me que sou uma garota que não pode receber educação,
conhecimento e oportunidades.
Vou ter que me casar e ir para a casa do meu marido.
Gastar com minha educação seria um desperdício de dinheiro.
Então eu trabalho
na cozinha e nos campos
como todas as mulheres que vieram antes de mim.

Eu sou uma garota.
Durmo no estábulo, lá fora no chão,
no frio, num monte de feno com os animais.
Eu não posso tocar em nada
ou fazer certas coisas por cinco dias do mês,
porque estou sofrendo de algo que não posso controlar
quando estou menstruada.

Eu sou uma menina,
transformando-se em uma jovem mulher.
Tenho sentimentos que nunca tive antes.
Todo mundo diz que é hora de eu me casar.
Existem regras de acordo com minha casta,
minha idade, minha família, minha riqueza.
Mas, e eu?
Por que ninguém me perguntou se eu estava pronta?
Eu me sinto muito jovem.
Eu não me sinto madura.
Isso é para a sociedade decidir?

Eu cavo meus sentimentos profundamente
nas profundezas do meu coração.
Querida mãe, não consigo respirar nesta tradição,
em algum lugar entre ricos e pobres,
em algum lugar entre castas superiores e inferiores,
em algum lugar entre a discriminação,
sou eu,
uma garota.
Deixe tudo isso passar.
Vamos trazer uma mudança
e fazer um novo Nepal, um novo mundo.
Vamos fazer de nossos fracassos
o início do caminho para o sucesso.

Eu sou uma garota
e não posso reprimir meus sentimentos.
Eu não vou estragar a minha vida.
Não vou ignorar as minhas oportunidades.
Vou derrotar tudo isso.

O sol está no horizonte e estou sonhando,
mas estou acordada.
Eu sou uma garota, mas não sou um fracasso,

não mais.
Eu sou uma garota
e sou melhor do que você pensa,
mais forte do que pareço,
mais inteligente do que você imagina,
mais corajosa do que demonstro
e mais forte do que você acredita.

Eu sou uma garota.
Eu serei a primeira a ir à escola,
para ter educação, para ter chances,
para amar e expressar meu amor.
A terra não será destruída
por eu tomar minhas próprias decisões.
Posso ser como Miss Maggie Doyne,
ou Florence Nightingale,
ou Madre Teresa ou Ghandi
ou o que eu quiser.

Não vou tropeçar.
Vou sacudir o mundo pelos cantos
e iluminar o céu com a minha risada.
E em vez de quebrar rochas,
vou balançar o mundo.
Lavarei velhas tradições
enquanto lavo pratos e roupas,
e quando semear nos campos,
plantarei um novo futuro,
um novo caminho,
um de igualdade.
Eu serei a primeira.

O sol está no horizonte
e o dia chegou.
Acordei percebendo que o mundo estava atrás de mim.
Lutando por mim.
Torcendo por mim.
Configurado para eu prosperar e ter sucesso.
Este é um lugar onde deixarei a minha marca.
E quando eu tiver feito tudo o que precisava fazer,
eles dirão:
Ela foi a primeira.
(Nepali, 2016).

O poema de Deepa é dolorido e escancara o tamanho da desigualdade e crueldade que tem sido perpetuada na história e pela tradição religiosa junto às meninas e mulheres nepalesas com foco no gênero e na casta. Mas também é promissor, é esperançoso, é transcendente porque mobiliza a si mesma e fecunda no outro que o lê, outras possibilidades de compreender o rito e o feminino que por ele é afligido. Essa ação mobilizadora é potência para a transformação de toda sociedade em um lugar melhor para todas as meninas e mulheres viverem. Segundo Beauvoir,

É uma estranha experiência, para um indivíduo que se sente como sujeito, autonomia, transcendência, como um absoluto, descobrir em si, a título de essência dada, a inferioridade: é uma estranha experiência para quem, para si, se arvora em Um, ser revelado a si mesmo como alteridade. É o que acontece à menina quando, fazendo o aprendizado do mundo, nele se percebe mulher. A esfera a que pertence é por todos os lados cercada, limitada, dominada pelo universo masculino: por mais alto que se eleve, por mais longe que se aventure, haverá sempre um teto acima de sua cabeça, muros que lhe barrarão o caminho. Os deuses do homem acham-se em um céu tão longínquo que, em verdade, não há deuses para ele: a menina vive entre deuses de fisionomias humanas (Beauvoir, 1967, p. 39).

Sob a lente de Spivak (2010) é possível compreender a menina e a mulher nepalesa *dálit* como o “outro do/a outro/a”, pois elas se encontram na extremidade do homem branco da alta roda dominante como também na fundura condizente à mulher não colada à cultura das castas ou em posições sócio-cultural-política-econômica mais favoráveis. A mulher nepalesa *dálit* subsiste em um não-lugar à margem até mesmo da pirâmide hierárquica, pois ela é desprezada por todas as castas de seu povo e sequer existe para o resto da humanidade. Ela não existe como indivíduo ou como partícula de um coletivo, ela é o pó debaixo dos pés dos que dominam e ocupam outros lugares de existência. É tão densa a invisibilidade dessas meninas e mulheres que até o feminino lhes escapa, pois elas não são gente mesmo antes de serem geradas no ventre materno. A sentença de herdar a condição de *dálit* está eternizada anterior à sua existência até mesmo como embrião e as colocam em um abismo abissal onde o desprezo, a barbárie e a vulnerabilidade as sitiam seguidamente.

Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. [...]. O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à "mulher" como um item respeitoso nas listas de prioridades globais (Spivak, 2010, p. 85, 165).

A mulher nepalesa se encontra cerceada por dispositivos silenciadores que dificultam e até mesmo proíbem que ela fale, que ela se coloque diante das atrocidades contra o feminino, que fale sobre ela mesma e seu corpo, sua fisiologia, seus desejos. Em diversas ocasiões e contextos, sequer essa mulher tem acesso ao conhecimento sobre seu próprio corpo, sobre tudo aquilo que ela é e pode vir a ser. Ao resistir e prosseguir na construção e ecoar de sua fala, repetidas vezes ela não é ouvida, pois há uma recusa social para sua escuta, há uma proposição para a não-escuta e para a não-compreensão daquilo que ela diz.

Logo, apesar do legislativo nepalês dispor de leis e políticas contrárias à discriminação, preconceito e exclusão daqueles que se encontram na condição social de *dálits*, apesar de permitirem que as mulheres ocupem lugares no parlamento, apesar de apregoarem que homens e mulheres têm o direito de serem tratados com a mesma dignidade, a realidade é que a equidade social para a mulher nepalesa, principalmente para a mulher *dálit*, está para além do horizonte a ser alcançada. Para Spivak,

O julgamento moral e a teoria moral certamente se aplicam a questões públicas, mas são notavelmente ineficazes. Quando poderosos interesses estão envolvidos, é muito difícil mudar alguma coisa por meio de argumentos, embora convincentes, que apelem para a decência, a humanidade, a compaixão e a honestidade. Essas considerações também têm de competir com os sentimentos, mais primitivos, de honra e retribuição e respeito à força. [...]. Decerto não é suficiente o tornar meridianamente evidente a injustiça de uma prática da iniquidade de políticas. As pessoas têm de estar prontas para ouvir, e isso não é determinado pela argumentação (Spivak, 1997, p. 296).

No Nepal ainda há meninas constrangidas e proibidas culturalmente de frequentar a escola durante o período menstrual. Ainda há mulheres obrigadas a se exilarem de suas casas durante esse período em espaços tão pequenos como um armário, reféns do frio intenso, da fome, da sede, de picadas de animais peçonhentos. Ainda o feminino está sendo considerado impuro e restringido a tocar em alimentos, água, animais, pessoas, a olhar para um homem, ainda há meninas e mulheres morrendo por não terem nascido com um pênis. Entre 2005 e 2018 foram registradas 18 mortes de jovens mulheres durante o *Chhaupadi*, números provavelmente subnotificados (Joshi, 2022).

Acredita-se que Parbati Bogati, do distrito ocidental de Doti, tenha morrido por inalação de fumaça enquanto dormia em uma pequena cabana sem janelas. Ela foi descoberta pela sogra na manhã de quinta-feira. Poucas semanas antes, Amba Bohana, 35 anos, e seus dois filhos, Ramit, nove, e Suresh, 12, foram encontrados mortos em um estábulo. Os comentários sugerem que ambas as mulheres tenham se sufocado depois de acenderem fogueiras para evitar temperaturas congelantes (Ratcliffe, 2019, p.1).

Além da nefastidão cultural do *Chhaupadi*, há perseguições e assassinato de mulheres nepalesas acusadas de bruxaria. Os motivos se alavancam na culpabilidade da mulher em adoecer animais ou pessoas, usar magia em alimentos ou bebidas, ser responsável por epidemias e doenças em crianças. A vítima das acusações é violentamente acuada e espancada, muitas vezes chegando à morte. No ano de 2018 foram registrados pela polícia 46 casos de acusações de bruxaria, mas o número deve ser muito maior, pois a maioria das pessoas prefere não denunciar (Grigaité, 2018).

A mulher nepalesa é marcada por uma explícita violência patriarcal que a cerca em seu contexto social, cultural, legislativo, jurídico, patrimonial, sexual, físico, psicológico, político e econômico. O feticídio feminino (aborto predominantemente de fetos do sexo feminino) tem grande incidência em regiões da Ásia, especialmente na “Índia, Paquistão, China, Coreia do Sul, Taiwan, e também entre diásporas asiáticas que vivem fora da Ásia, como no Reino Unido, Canadá e Estados Unidos”, no Nepal a prática também tem se tornado comum (Shah; Gyawali; Aro, 2018, p. 53).

Em nível global, milhares e milhares de meninas não chegam a nascer, sendo seus fetos encontrados em meio à fazendas ou flutuando pelas águas. Estudos evidenciam que o número de feticídios femininos presente na Índia é maior que qualquer genocídio já ocorrido no planeta, não diferente, no Nepal a queda de proporção entre os sexos revela o aumento de casos de abortos seletivos (Frost; Puri; Hinde, 2013). Pesquisadores estimam que cerca de “1 em cada 50 nascimentos femininos “desapareceu” dos registros entre 2006-2011 (22.540 nascimentos femininos no total), o que implica que foram abortados” (Channon et al, 2021, p. 4).

Na busca pelo herdeiro, muitos maridos obrigam as mulheres a realizarem um ultrassom a cada gravidez, procedendo ao aborto seletivo por diversas gestações de meninas. A preferência pelo filho resultou na ocorrência de muitos infanticídios, no entanto, atualmente, a misoginia se inicia ainda no útero na forma de feticídio feminino e fomenta discussões e alertas na área da saúde pública.

Durante cada gravidez, meu marido me obrigava a fazer um ultrassom para determinar o sexo do feto. Eu estive grávida de meninas por três vezes, mas não consegui mantê-las. Três abortos em sete anos tiveram um grande impacto na minha saúde. Recuperei-me do trauma físico que meu corpo sofreu devido as gestações e abortos frequentes. Mas minha saúde mental ainda se encontra em frangalhos (Gahatraj; Chaudhary, 2022, p. 1).

Em razão das diversas condições adversas sob a forma de violência patriarcal e mesmo de desastres naturais, as mulheres nepalesas têm se acolhido por meio de grupos de ajuda comunitária, principalmente nas zonas rurais do país. À mulher cabe o cuidado da família e o autocuidado delas mesmas, de modo que o paradigma do cuidado se subsiste ao da dominação que as oprime e as subvaloriza, corroborando no fortalecimento do papel da mulher na contemporaneidade (Plastino, 2016).

E nesse movimento de des-construção e transformação de si mesma e do coletivo, está a resiliência da literatura poética das mulheres nepalesas que emerge, denuncia e enuncia suas vivências, seus conhecimentos, suas lutas, seus desafios, seu (re)inventar-se frente ao patriarcalismo. É naquilo que se faz insuportável que a realidade da vida se escancara intensamente sobre nós. Essa insuportabilidade não é passível de ser recusada, mas precisa ser atravessada para que algo novo se constitua. Para tanto, o movimento de problematizar os problemas mais tempestuosos, mais conflitivos, mais íntimos, ao mesmo tempo em que a tecitura do autoconhecimento vai se constituindo aos poucos, devagarzinho, encruzando o insuportável, é que o novo pode ser concebido.

No poema *Aimai* (Mulher) de Banira Giri, aclamada poetiza nepalesa (1946 – 2021), a autora enuncia a objetificação da mulher na sociedade e cultura de seu país. Com potência ela tece sua escrita poética com lógica crítica ao patriarcado de modo entrecruzado com a mitologia hindu, lançando mão de metáforas, símbolos da cultura nepalesa e imagens. Seu tom evidencia o desejo por um protagonismo feminino consciente que revolucione as bases da sociedade nepalesa, entretanto, é possível notar a frustração, a falta de sentido e a desesperança que paira sobre a mulher enquanto ser objetificado, oprimido e subalternizado. Sua escrita retrata como o sistema patriarcal organiza e normatiza toda esfera social de modo a dificultar a existência da mulher como um ser humano livre e autônomo.

Mulher (Aimai)

Despida, irrestrita,
indubitável, sem hesitação,
uma mulher está na encruzilhada
em sua pura forma primordial.

Uma multidão de homens cegos está ansiosa
para descobrir a natureza da mulher.

O primeiro acaricia seus cabelos lisos e soltos
e murmura: "A mulher é uma cachoeira, ela é o Ganga³,
fluindo para baixo da cabeça de Shiva"⁴.

Um segundo sente seu braço, seus dedos,
e alegremente declara:
"A mulher é a flor de lótus da mão de Saraswati"⁵.

³ Ganga, tal como é chamado na Índia, é um rio que corre as fronteiras da Ásia atravessando o país citado e Bangladesh, onde é chamado de Padma. Vários de seus afluentes nascidos no Himalaia, aligeiram-se à margem esquerda do Nepal. Em inglês é conhecido como o Rio Ganges.

⁴ Shiva (Xiva ou Mahadeva) é um dos deuses supremos do hinduísmo, conhecido como "o destruidor ou transformador" da energia vital. Também significa o "benevolente, o amável", aquele que faz o bem.

⁵ Sarasvati é a esposa de Brahma. Ela é a deusa hindu da sabedoria, do conhecimento, das artes, da fala, do aprendizado. Protetora dos artesãos, pintores, músicos, atores, escritores e artistas em geral. Protetora dos que buscam conhecimento. É representada com quatro braços que seguram um livro, um rosário, um pote de água e um instrumento musical chamado Veena. Cada um desses itens tem significado simbólico no hinduísmo.

Um terceiro agarra sua coxa bem torneada e tagarela:
"A mulher é o bambu macio do pavilhão matrimonial."

Um quarto sente seus lábios,
que cantarolam a doce canção da Criação:
"A mulher é uma framboesa madura".

Um quinto acaricia seus seios,
dádiva imortal da maternidade:
"Mulher é um pote cheio de presentes de Lakshmi⁶".

O sexto descobre o semi-segredo
do inacessível lugar da Criação,
ele dá um pulo e grita:
"Mulher é apenas um buraco desprezível!".

Seus olhos ficam molhados na revelação do homem cego.

Um sétimo sente seus olhos cheios de lágrimas:
"Seus tolos malvados! Mulher não é apenas um buraco!
Ela também é Gosainkunda⁷,
Ela também é Manasarovar⁸!"
(Giri, 1991, p. 139-140).

Aimai esmiúça o pensamento, controle e dominação masculina sobre a mulher enquanto objeto em um lugar de subordinação ao homem. O poema revela a transferência de sentidos e significados que uma mulher pode trazer para si sobre o que é ser mulher a partir do olhar e discurso masculino forjado nas bases do machismo e do patriarcado.

Segundo Simone de Beauvoir, "a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro" (Beauvoir, 1970, p. 10). Na sociedade e cultura patriarcal, a mulher se define pelo olhar do masculino e em relação ao próprio homem. O rompimento com esse ciclo subalternizador e o reinventar de si para tornar-se Mulher é um processo que demanda consciência dos acontecimentos históricos, políticos, sociais e culturais de opressão ao feminino, bem como a ciência com consciência sobre como esses acontecimentos impactam em si mesma pelo próprio dispositivo inconsciente. O tornar-se Mulher é ato de invenção de si para si, de si em si, de si como sujeito que protagoniza sua história na história da sociedade da qual faz parte.

A poesia das mulheres nepalesas é pouco conhecida na cultura-mundo ocidental, a cultura e o idioma dificultam muito o seu acesso. A literatura feminina do país que fica no topo do planeta é torneada de sensibilidade, de dor e sofrimento, de paixão e compaixão, de realismo e imaginação, de amor e ódio, de sonho e morte, de resiliência e luta. À sua medida, elas são únicas, singulares, ao mesmo tempo que coexistem nos sentimentos que perambulam em qualquer coração humano debaixo do sol.

Bishnu Kumari Waiba, pseudônimo, Parijat (1937 - 1993), nasceu em Darjeeling, na Índia, um lugar conhecido por seus jardins de chá. Reconhecida como notável escritora feminista

⁶ Lakshmi é uma deusa hindu considerada a personificação da riqueza e da fortuna. Está associada à riqueza material, à beleza, à abundância e à generosidade, além da sorte, saúde, riqueza mental, fertilidade e riqueza interior.

⁷ Gosainkunda é um lago alpino de água doce do Parque Nacional Langtang no Nepal, localizado a uma altitude de 4.380 metros (14.370 pés), no distrito de Rasuwa, com uma superfície de 34 acres.

⁸ Manasarovar é um lago de água doce da região do Tibete, parte norte do Himalaia. É considerado como um lugar sagrado pelo Tibete e pela Índia.

existencialista, foi a primeira mulher a ecoar as vozes das mulheres nepalesas para além do Himalaia, tendo sido profundamente afetada pela literatura nepalesa durante sua infância, pois Darjeeling era o mais importante centro da língua, cultura e literatura nepalesa. Sua dedicação e aceito foram significativos para o fortalecimento da literatura nepalesa. Segundo Hutt (1991), a maioria dos poemas de Parijat refletem o sofrimento de sua condição física, seu ateísmo e desesperança moral, além de enunciarem seu posicionamento político contrário ao conservadorismo de direita. No poema *Mrityuka Angalama*, ela expressa sua descrença na reencarnação e a morte como caminho de libertação, já que a religião se apresenta como um *modus operandi* de opressão e aprisionamento. Em seu último verso a poetiza lança mão de seus sentimentos mais doloridos ao ecoar sobre si, sobre seu corpo: “Que reivindicação posso fazer para ser humana? Um punhado de carne exausta, um pequeno punhado de ossos cansados: isso é tudo, e daí?”.

Nos braços da morte (Mrityuka Angalama)

À meia-noite o luar entra por uma janela,
derrete-se por toda a colcha da minha cama;
Já estou envolta em minha mortalha,
minha cama é meu túmulo.

Algo dentro de mim está tentando desaparecer,
alguém dentro de mim está tentando sair,
mas estes não são meus restos mortais,
noite após noite estou vivendo e morrendo;
coloquei meu próprio cadáver diante de mim.

Eu me deito de costas e choro,
Eu lamento no meu próprio rito fúnebre,
Eu sou meu próprio fantasma imortal,
Eu perambulei por meio cemitério,
cada noite eu volto da viagem sem sentido,
pés encharcados por águas estíguas⁹.

Mas a morte não fala assim
nas páginas dos Upanishads¹⁰,
lá, a Morte é uma mãe bem-vinda
para uma criança que volta do jogo.

O fim não é intervalo,
deixe-me deixá-lo de uma vez por todas,
Eu vou jogar por muito tempo antes de voltar,
Estarei tão cansada quando colocar minha carga no chão,
venha, não consideremos este mundo
tão sombriamente, apenas por um momento.
Eu aguentei esta vida em silêncio,
sofrendo como um animal mudo.

⁹ Estige, o Rio dos Infernos na mitologia grega.

¹⁰ Em síntese, os Upanishads derivam do mais antigo texto hindu, os Vedas, que constituem a base de toda a filosofia do hinduísmo. Eles reúnem importantes ensinamentos considerados como essência do pensamento hindu. É uma das literaturas mais importantes da história das religiões e da cultura indiana, registrando uma vasta variedade de rituais, encarnações e conhecimentos esotéricos (Orrú, 2023).

Quão ansiosa esta flor está para cair,
como deseja abreviar o dia de inverno,
passar uma noite meio inconsciente.
A morte regressa, derrotada,
das mãos da Vida—
infelizmente, o Homem não morre.

Estamos no século XX,
A morte não é fácil ou difícil,
e por isso meus olhos estão ansiosos
para abrir na luz pálida da manhã,
para rastejar através do dia apático da vida,
um dia onde nenhuma esperança tem seu lar.

A nova era se perde em seu caminho.
O tempo vem, mas torna todas as novidades um vazio
antes que possa alcançar minha porta,
então o Tempo passa por mim como antes,
entristece todos os que estão felizes,
anima todos os que estão tristes,
mas a minha indiferença é um ponto final
aos desejos da vida:
atinge todas as mudanças idiotas.

É engraçado:
como se regidos por regras regulares,
lagartos continuam a correr para lá e para cá
com regimentos de formigas
nas quatro paredes desse quarto;
cada tábuca do chão está se perguntando por quê
esse fardo sobre ele nunca se levanta ou vai,
vive, mas não tem vida,
mal se move;
esta irritação deve ser jogada fora.

Um caracol pode se alimentar sem atingir seu objetivo,
mas eu não posso;
então quando eu me for,
não pense que algo grande está perdido:
o calor do pequeno espaço que preenchi
simplesmente esfriará à medida que eu esfriar.

Uma parte do meu cobertor, a ponta da minha colcha,
saberá que uma existência leve,
que uma impotência viva, fugiram.
Vou chegar ao meu fim antes de morrer,
tantos morreram, mas não se acabaram,
mas não desejo nenhuma preservação.
Embora o Himal¹¹ nunca derreta em Gangotri¹²,
e nunca deixa de existir,
devo morrer, e ver-me acabada.

¹¹ Mardi Himal é um pico de 5.587 metros na região de Annapurna, no Nepal.

¹² Gangotri é a fonte do sagrado rio Ganges (Ganga) nas montanhas do Himalaia na Índia.

Que reivindicação posso fazer para ser humana?
Um punhado de carne exausta,
um pequeno punhado de ossos cansados:
isso é tudo, e daí?
(Parijat, 1991, p. 117-119).

CONCLUSÃO

A interseccionalidade gênero e casta se revela na sociedade nepalesa como um dispositivo brutal e cíclico de opressões e violências contra as meninas e as mulheres, vítimas dos tentáculos do patriarcado que se movimentam ativamente pela cultura, notadamente pela sua presença nas tradições religiosas.

Apesar do acervo legislativo findar a discriminação por castas, especialmente no que se relaciona aos *dálits*, a cultura de menosprezo e subalternização permanece subsistindo, principalmente nas regiões rurais da parte ocidental do país. Neste contexto de subserviência, a mulher *dálit* é severamente oprimida e maltratada por existir como mulher e como *dálit*, ela não é gente, é objeto abominável.

Na literatura poética das mulheres nepalesas está presente sua determinação em existir, resistir e reexistir sobre os desafios incomensuráveis de sua sociedade marcada pelo patriarcado e pelo machismo que se encontram arraigados à cultura e densamente penetrados nas tradições religiosas. Suas dores, seus fracassos e a insuportabilidade de uma vida tão subalternizada e desprezada pelo corpo social nepalês em seu contexto macro e microsocial, não se encontram ocultadas ou amenizadas, mas se revelam como denúncias e motivos para permanecerem poemando pelo fortalecimento coletivo do feminino.

Poemar é escapar em linhas de fuga para a desconstrução, para o inexato, para a diferença, para o indizível, para o devir, para o “momento emancipador da emergência da mulher como ‘catacrese’, como uma metáfora sem o referente literal representativo do conceito que é a condição de conceitualidade” (Spivak, 1997, p. 284).

Nas entrelinhas de cada verso são ecoadas suas vivências, seus duelos, sua sabedoria para contornar e transformar o presente e o futuro da mulher nepalesa em busca de sua autonomia e liberdades de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo quem são, sendo mulheres livres das barbáries do patriarcalismo sobre seus corpos e pensamentos.

A literatura poética dessas mulheres contribui ao feminismo contemporâneo para uma melhor elucidação sobre o contexto em que se encontram as nepalesas, sobre a complexidade de seus sentimentos, sobre seus devires e desejos, sobre um movimento feminista que abrace as novas gerações de meninas nepalesas para que tenham condições de gerar uma outra e nova realidade para si mesmas e para as que virão depois delas.

Contribuição de Autoria: Orrú, S. E.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. A autora leu e aprovou a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: Não aplicável.

Agradecimentos: Não aplicável.

REFERÊNCIAS

Andrade, J. (2020). Teoria do Karma, sistema das castas e conceito da reencarnação e seu impacto na sociedade indiana: uma leitura antropológico-filosófica. *Basilíade – Revista de Filosofia*, 2(4), 85-98.

Asian Development Bank (ADB). (Abril, 2022). Nepal: Macroeconomic Update (Vol. 10). Kathmandu: Asian Development Bank.

Beauvoir, S. d. (1967). *O Segundo Sexo: a experiência vivida* (2 ed., Vol. II). (S. Milliet, Trad.) São Paulo: Difusão europeia do Livro.

Beauvoir, S. d. (1970). *O Segundo Sexo: fatos e mito* (4 ed., Vol. 1). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Channon, M., Puri, M., Gietel-Basten, S., Stone, L., & Channon, A. (2021). Prevalence and correlates of sex-selective abortions and missing girls in Nepal: evidence from the 2011 Population Census and 2016 Demographic and Health Survey. *BMJ Open*, 11(3), 1-11.

Countrymeters. (2023). Nepal Population. Disponível em <https://countrymeters.info/en/Nepal#literacy> Acesso em 25 de ago de 2023.

Frost, M. D., Puri, M., & Hinde, P. R. (2013). Falling sex ratios and emerging evidence of sex-selective abortion in Nepal: evidence from nationally representative survey data. *BMJ Open*, 3(5), 1-7. <https://doi.org/10.1136%2Fbmjopen-2013-002612>

Gahatraj, R., & Chaudhary, A. (2022). Gender bias forcing women into sex-selective abortions. Disponível em <https://kathmandupost.com/province-no-5/2022/01/13/gender-bias-forcing-women-into-sex-selective-abortions>

Giri, B. (1991). Woman (Aimai). Em M. J. Hutt, *Himalayan Voices: An Introduction to Modern Nepali Literature* (M. J. Hutt, Trad., pp. 139-140). Berkeley: University of California.

Global Finance Magazine (GFM). (2021). Poorest Countries in the World 2021. Disponível em <https://www.gfmag.com/global-data/economic-data/the-poorest-countries-in-the-world>

Grigaitė, U. (2018). Witchcraft Accusation and Persecution of Women in Nepal. Vilnius: URM. Disponível em https://www.vbplatforma.org/uploaded_files/articles/Nepal%20WAP%20Report.pdf

Hutt, M. J. (1991). *Himalayan Voices: An Introduction to Modern Nepali Literature*. (M. J. Hutt, Trad.) Berkeley: University of California.

Iwgia. (2023). The Indigenous World 2023: Nepal. Disponível em <https://www.iwgia.org/en/nepal/5129-iw-2023-nepal.html>

Joshi, S. (2022). Chhaupadi practice in Nepal: a literature review. *World Medical & Health Policy*, 14(1), 121-137.

Karki, S. (2023). Dalit lives must matter. Disponível em <https://www.nepalitimes.com/here-now/dalit-lives-must-matter>

Lawoti, M., & Hangen, S. (2012). *Nationalism and Ethnic Conflict in Nepal: Identities and Mobilization after 1990*. London; New York: Routledge.

Little Sisters Fund (LSF). (2020). Facts About Girls Education In Nepal. Disponível em <https://littlesistersfund.org/2020/03/04/6-facts-about-girls-education-in-nepal/>

Moura, V. S. (2020). *Spirit Me Away: The women and girls lost to trafficking in Nepal*. Disponível em <https://www.aljazeera.com/gallery/2020/3/8/spirit-me-away-the-women-and-girls-lost-to-trafficking-in-nepal>

Nepali, D. (2016). Deepa's Poem. Disponível em Blinknow.org: <https://blinknow.org/journal/entry/deepas-poem>

Ohchr. (2021). Nepal must now deliver on promise of social justice - UN human rights expert. Disponível em <https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=27936&LangID=E>

Orrú, S. E. (2023). *Mulheres em Águas de Piratas: Vozes insurgentes da América Latina, África e Ásia em luta contra o patriarcado*. São Paulo: Dialética.

Parijat. (1991). In the Arms of Death (Mrityuka Angalama). Em M. J. Hutt, *Himalayan Voices: An Introduction to Modern Nepali Literature* (M. J. Hutt, Trad., pp. 117-119). Berkeley: University of California.

Plastino, C. A. (2016). Do paradigma da dominação ao paradigma do cuidado. *Divulgação em Saúde para Debate*(53), 25-40.

- Ratcliffe, R. (2019). Young woman dies in fourth 'period hut' tragedy this year in Nepal. Disponível em <https://www.theguardian.com/global-development/2019/feb/06/young-woman-dies-fourth-period-hut-tragedy-this-year-nepal>
- Schmidt, S. P., & Macedo, A. G. (2019). Feminismos Transnacionais: saberes e estéticas pós/decoloniais. *Revista Estudos Feminista*, 27(1), 1-5. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n158959>
- Shah, K., Gyawali, B., & Aro, A. R. (2018). Ending discrimination at the womb: Ethical perspectives on tackling female feticide in Asian countries. *Ethics, Medicine and Public Health*, 6, 52-58. <https://doi.org/10.1016/j.jemep.2018.07.006>
- Singh, R., Mahat, S., Singh, S., Nyamasege, C. K., & Wagatsuma, Y. (2021). The relationship between pelvic organ prolapse and short birth intervals in a rural area of Nepal. *Tropical Medicine and Health*, 49(5). <https://doi.org/10.1186/s41182-021-00298-z>
- Spivak, G. C. (1997). Feminismo e desconstrução, de novo: negociando com o masculinismo inconfesso. Em T. Brennan, *Para Além do Falco: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher* (A. Xavier, Trad., pp. 277-297). Rio de Janeiro: Record. Rosa dos Tempos.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* (S. R. Almeida, M. P. Feitosa, & A. P. Feitosa, Trans.) Belo Horizonte: UFMG.
- Unesco. (2021). How UNESCO is reaching marginalized communities in Nepal with literacy. Disponível em <https://en.unesco.org/news/how-unesco-reaching-marginalized-communities-nepal-literacy#:~:text=One%20of%20the%20key%20aspects,all%20seven%20of%20Nepal's%20provinces>.
- United Nations. (2018). Committee on the Elimination of Racial Discrimination examines report of Nepal. Disponível em <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2018/05/committee-elimination-racial-discrimination-examines-report-nepal>

Recebido: 20 de dezembro de 2023 | **Aceito:** 10 de abril de 2024 | **Publicado:** 13 de junho de 2024



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.